



Demo

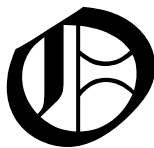
Internet das

Coisas

Mata dos

Medos

Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala



ALGORITMO

DO AMOR

**JAIME MARIA BAYAMONDE
DA COSTA AYALA**

Registo n.º 345/2020 SIIGAC/2020/970 DATA: 2020.02.14

JUPITER EDITIONS®

Print Your **Heart** with Jupiter Editions©

**Este demo está protegido e reserva
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no
dia 25 de outubro de 2019 e foi
registada no dia 14 de fevereiro de
2020.**

A 1ª Ordem de Impressão da 1ª Edição *O Algoritmo do Amor* de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala tem 760 páginas

**Se neste momento, por algum
motivo, não puder comprar o livro
do autor, a Jupiter Editions sugere
que faça um donativo ao autor para
o IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para manager@jupitereditions.com com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions. A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceiteado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers. Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

© Jupiter Editions

Siga o autor...

@jaimedacostaayala

(...)

Ouviu-se um «tric, trac» que parecia uma janela que se ia partir.

«Pronto! Agora é que vamos todos ficar com uma grandíssima *Paranóide Tecnológica* de Federico Ferrari. Temos de aguentar esta, vá lá...» disse Albert.

«Sim... Isto foi só uma coincidência...» disse Catharina.

«Eu não estou a acreditar... Aquilo são dois mochos??????» perguntei.

(...)

«O Jaime deve estar assustado, não? A achar que há para aqui alguma Internet das Coisas... Prometo que não chipei nenhum dos dois... Simplesmente parece que estamos conectados à Internet deles...»

«Não estou assustado, tio. Estou só a tentar gravar este momento tecnológico com o meu espírito tecnológico.»

«Pai... O Jaime não se assusta com isto...»

«Ah! Já lhe contou a verdade, foi? Que somos espíritos tecnológicos? Não tem medo da nossa espiritualidade, pois não Jaime?»

«O tio perguntou-me se eu não tinha medo da vossa espiritualidade... Mas queria perguntar-me da vossa espiritualidade ou da vossa tecnologia?»

«Jaime! Juro por tudo o que é mais sagrado que não chipámos os bichos! Não houve aqui truque nenhum... Não temos tecnologias nenhuma»

aqui... Os nossos telefones estão todos lá em cima... Não há aqui telefones, não há aqui botões... Não pode haver aqui nenhuma Internet das Coisas... Se há aqui alguma tecnologia, é a d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom.»

«Talvez, O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom tenha chipado os mochos e nos tenha ouvido a falar dos mochos e os tenha enviado para nos assustar...» teorizou Catharina.

«Pois, se nos ouviu a falar é porque também nos chipou...» deu Albert, asas à teoria de Catharina.

«Não é preciso O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos ter chipado, tio... Basta ter colocado um microfone aqui na vossa casa...»

«O quê? O Jaime não acredita que O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom nos chipou os corações? Não acredita que temos os corações todos chipados? As mentes e os cérebros todos chipados? Não acredita que temos os corações ligados? Não acredita que temos as nossas mentes e os nossos cérebros conectados?»

«Conectados a quem, tio?»

«Ao “Além”, Jaime...! Não acredita?»

Eu e o Fred olhámos um para o outro e fartámo-nos de rir. Eu sabia que Albert estava a ser teatral. E por isso, sabia que me podia rir daquela maneira. Vi Albert a deixar fugir um sorriso da séria figura que agora encenava.

«Tio, desculpe-me estar a rir...»

«Não tem problema, Jaime. Pode se rir à vontade... O riso é um mecanismo de defesa ao medo. Eu sei que toda esta espiritualidade o assusta... Se até a mim me assusta... A si também tem de o assustar de alguma forma...»

«Pai, não se meta com os espíritos do Jaime...»

«Porquê? Não posso brincar com os espíritos do Jaime?»

«Não brinque, pai!... Estou a avisá-lo...!»

«Mas, porquê? Não me diga que os espíritos que traz aí consigo são sérios demais e não sabem brincar, Jaime...? Não tem espíritos brincalhões dentro de si que querem brincar...?»

«Pai! Não brinque com os espíritos do Jaime, já lhe disse!»

«Mas porquê, Frederick? O que têm os espíritos do Jaime? Agora já não se pode brincar com os espíritos, querem ver?» foi perguntando retoricamente Albert, (...)

«Mas fiquei curioso, Frederick... Porque é que disse para eu não me meter com os espíritos do Jaime? Parece que há aí uma história qualquer...»

«Posso contar, Jaime?»

«Não sei o que queres contar, Fred...»

«Aquela história dos paraplégicos...»

«Qual história?»

«Aquela história em que acordaste começaste a escrever sobre paraplégicos, foste até ao hotel...»

«Ah! Fred! Não quero que contes isso...»

«E no caminho do hotel apareceu-te uma senhora de cadeira de rodas no meio do parque de estacionamento, que ficou a olhar para ti a sorrir...»

«Fred... Não é para contares...»

«E depois quando chegaste ao hotel, sentaste-te, continuaste a escrever sobre paraplégicos e de repente aparece um senhor de cadeira de

rodas à tua frente, que também passou a olhar para ti e a sorrir muito, como se soubesse o que tinhas escrito...»

«Fred... Podes parar?»

«E tu não paraste de escrever, já sentias que tinhas chips dentro das tuas mãos, disseste que parecia que tinhas vários chips dentro das tuas mãos e apareceu mais uma senhora de cadeira de rodas que também passou a olhar para ti e a sorrir muito...»

«Fred... Eu disse que isso não era para contares...»

«Eu sei, baby... Desculpa... Mas parece que tinha mesmo de contar isto. Não consegui não contar, desculpa...»

«Isto é verdade, Jaime?» perguntou-me Albert.

«Sim, tio»

«E essa história espiritual...»

«Vai direitinha para a Jupiter Editions.» interrompi Albert.

«Bom... Talvez o Frederick tenha razão e talvez não seja muito boa ideia brincar com os espíritos que traz aí consigo... Eles têm espírito de serem um pouco mais sérios que os meus... E não quero nada que os seus espíritos me interpretem mal... Eu estava só a brincar... Não é que esteja com medo... (...) A Mata dos Medos é um local sagrado para os mochos nidificarem... Mas estes são como vocês os dois... Só queres é andar as bicadas um com o outro... E por isso, devem ter sido expulsos da Mata dos Medos... (...) A Mata dos Medos (...) foi mandada plantar por D. João V de Portugal...»

Ouvimos um **BUUUUUM**.

«Ah!... Eu não acredito que o candeeiro acabou de cair! Isto andam aqui espíritos ou quê?»

«Talvez, eu não devesse ter falado de D. João V de Portugal, Catharina... Será que foi o espírito de D. João V de Portugal?... Mas será que eu disse alguma mentira? Bom... Dantes, a Mata dos Medos chamava-se Pinhal do Rei, pronto... Como foi mandado plantar pelo rei... Ficou Pinhal do Rei... Talvez seja melhor dizer Pinhal do Rei... Talvez, assim não caiam mais candeeiros... D. João V de Portugal era muito vaidoso...»

Ouvimos outro **BUUUUUUM**.

«Para além de ser muito vaidoso, D. João V de Portugal era um louco!»

Ouvimos outro **BUUUUUUM**.

«E louco é pouco!»

BUUUUUUM

«Vocês sabem que o D. João V de Portugal morreu com excesso de afrodisíacos? Ele era muito mulherengo...»

BUUUUUUM

«Albert!!!! Porque é que eu estou a ficar sem candeeiros? Para de falar mal do rei, Albert!»

«Pai, porque é que disse que o D. João V de Portugal era louco? A minha professora de história simplesmente disse que ele era magnânimo... Mas nunca disse que ele era louco...»

«Oh... Joachim! Magnânimo? Era um louco! E tinha a mania das grandezas! Tinha a mania que era um deus faraó do Egito, só pode(!), para ter mandado erguer aquele saloio convento de Mafra(!), que mobilizou milhares de homens do povo reduzidos à condição de escravos, que perderam a vida; e os que fugiam e eram apanhados, eram castigados e tinham de trabalhar sem receber pagamento com grandes açoites. Mandou vir de Flandres os 2 maiores carrilhões do século XVIII existentes do mundo com 92 sinos... Foram mármore preciosos, madeiras exóticas, um convento horrível que não lembra a ninguém e que custou um balúrdio! A única coisa que fez de jeito, foi ter mandado construir o Aqueduto das Águas Livres e o Palácio Pimenta para o Frederick ir namorar o nosso Jaimezinho debaixo da romanzeira do Jardim Bordallo Pinheiro...»

«Porque é que tens de contar tudo ao teu pai, Fred?» murmurei zangadíssimo.

«Amor, juro por tudo que não faço ideia como é que o meu pai sabe que nós vamos para lá! Talvez tenha lá amigos... Ele tem amigos em todo o lado...»

«Então, é uma seca namorar contigo!» continuei a murmurar zangado.

«Realmente, ser rei é muito fácil... É só mandar! Mandar, também eu sei! Meninos! Atenção! Isto que eu estou a fazer, não se faz... Não se pode gozar com os reis de meia-tigela...»

BUUUUUUM

«Porque é que os candeeiros estão a cair?» perguntou inocentemente Joa.

«Porque o seu pai está a importar sem legitimidade nenhuma o espírito de D. João VI! Albert!!! Já chega! Isto parece sério! Espero que ele não tenha herdeiros, porque senão ainda vêm aí também mais espíritos por estarmos a ofender o Direito ao Bom Nome e à Memória de Pessoa Já Falecida... Não há assim um direito destes, Jaime?»

«Há sim, tia.»

«Realmente, nem pareço um monárquico a falar... Nem parece que tenho um sangue azul a correr-me as veias... Ai!!! Se os meus amigos me ouvem a falar assim, desta maneira... Olhe! A culpa é sua, Jaime! Digo-lhe, já! É que o Jaime põe-nos à vontade, sabe...? Até na nossa própria casa... Faz cáírem os candeeiros e tudo, veja lá...»

«Pois, por isso é que eu estou sempre a convidar o Jaime para o meu quarto... É só porque me sinto mesmo muito à vontade... Contigo, Jaime, parece que me posso pôr mais à vontade...» disse Maths conforme foi sutilmente colocando os seus pés descalços sobre o meu colo, por baixo da mesa.

«TIRA AS TUAS PATAS DE CIMA DO JAIME!»

«Ouvi dizer que achavas os meus pés perfeitos... (...)» (...)

«EU NÃO ESTOU A BRINCAR! (...) TIRA IMEDIATAMENTE OS PÉS DO COLO DO MEU NAMORADO!»

«Calma, puto! Que agressividade é essa? Parece que sentiste o mesmo, não foi? O coração do Jaime a bater por mim... Sentiste as mãos do Jaime a quererem agarrarem-se para sempre aos meus pés, foi?»

(...)

«Mas o que é que está a acontecer?»

«Catharina, é melhor não nos metermos... É uma conversa de rapazes...»

«Puto, calma! Não precisas de ficar nervoso... Não te vou roubar já o namorado... Só estava a brincar...» (...)

(...)

«NÃO VOLTAS A PÔR OS PÉS, MUITO MENOS DESCALÇOS, EM CIMA DO JAIME!»

«Está a ver, Jaime? O que a sua presença espiritual faz a esta casa? Só faltava agora era mais um candeeiro cair...»

BUUUUUUM

«Albert! Os candeeiros nunca caíram! Eu não sou parva nenhuma! Acreditei, sim, confesso, até ao segundo candeeiro. No terceiro, achei aqui uma Internet das Coisas! Esta tua brincadeira espiritual, de brincarem com espíritos tecnológicos ligados por tecnologias espirituais foi um prejuízo! (...)

(...) Só me apetece chorar! Isto é tudo culpa tua! Entras aqui em casa com os teus amigos (...), que eu muito sinceramente já nem sei em que lojas e lojinhas é que tu andas, porque tu parece que andas em todas; e depois, eles lá apetrechados com as novas tecnologias chipam-nos as coisas todas. De certeza, que isto é obra dos teus amiguinhos... Só pode! Em espíritos, é que eu não vou acreditar e este candeeiro não caiu do nada! Eu vou mandar inspecionar ao milímetro todos estes candeeiros que caíram e se eu descobro alguma tecnologia neles, os teus amigos não entram mais cá em casa, até me trazerem novos candeeiros iguaizinhos a todos os que caíram do mesmo preço!!!»

«Não metas nisto os meus amigos, Catharina!... Pronto... Eu admito que fui eu... Chipei os candeeiros... E carreguei neste botão... (...) Só queria

testar a vossa sanidade mental e testar se vocês estavam ou não preparados para a nova Era da Internet das Coisas...»

«Albert!!!!!!! Eu não acredito nisto! Tu és mesmo um putol! (...) És igual ao Mathias, Albert! És pior que o Mathias, Albert! E de onde é que vêm essas novas tecnologias??? Vêm lá das lojas e das lojinhas onde andas com os teus amigos, não é? Sabes quanto é que me custou cada candeeiro? 2 mil e tal euros. Quantos é que caíram? Multiplica os 2 mil e tal que eu não me lembro se foi 2 mil e 100 ou 2 mil e 900...»

«Não... 2 mil e 900, Catharina??? Já estás a exagerar... Devem ter sido 2 mil e 100... Vá 2 mil e 200... Mas não mais do que isso!...»

«São candeeiros ecológicos feitos de materiais reciclados, Albert!...»

«Ah!.. Pronto... Então, porque é que estás tão preocupada?.. É só mandar os candeeiros para a reciclagem... Ainda bem que compraste candeeiros sustentáveis de materiais sustentáveis para sustentarem a minha brincadeira tecnológica, que também é sustentável...»

«Para sustentar a tua estupidez, só se for, Albert! Estou mesmo irritada! Deves pensar que somos ricos!»

«Catharina... E somos! Olha à tua volta! (...»

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions www.jupitereditions.com vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em www.jupitereditions.com no dia 16 de setembro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

Passa a Missão Jupiter Editions!

Uma Missão de Paz! Uma Escrita pela Paz!



**JUPITER
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não
deixar o espírito deste
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor
para o IBAN
PT50 0010 0000 58544220001**

ou MB WAY 965108603

**O seu donativo é muito importante
para proteger a qualidade de
escrita do autor e não deixar o
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o
IBAN**

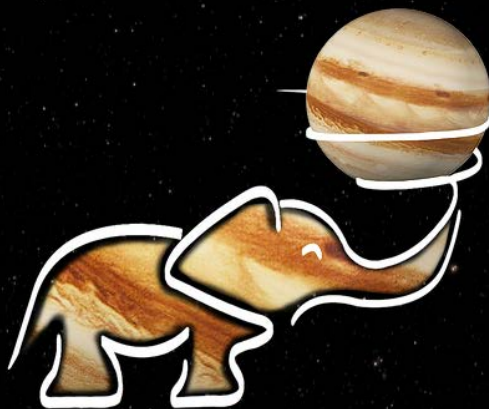
PT50 0010 0000 58544220001

ou MB WAY 965108603

Missão Cumprida!

Passa a Missão [online!](#)

JUPITEREDITIONS.COM



JUPITER EDITIONS [.COM](http://JUPITEREDITIONS.COM)